

## **O MOMENTO ESPETACULAR DO XADREZ: POSSIBILIDADE DE LEITURA A PARTIR DA DIVULGAÇÃO DA IMAGEM DE BOBBY FISCHER DURANTE O “MATCH DO SÉCULO**

Juliano de Souza<sup>1</sup>

### **Resumo:**

*Durante o chamado “match do século” em 1972, a divulgação da imagem do enxadrista norte-americano Bobby Fischer atingiu seu ponto nostálgico e ganhou conotação mundial. Nesse artigo, procuramos traçar um paralelo entre o processo de difusão dessa imagem e o estabelecimento provisório do xadrez enquanto uma prática espetacular. Para tanto, buscamos no modelo sociológico dos campos de Pierre Bourdieu um instrumental teórico compatível com a temática de pesquisa introduzida. Como pressuposto teórico complementar, sustentamo-nos ainda em algumas das contribuições mobilizadas por Debord para o entendimento da sociedade do espetáculo.*

**Palavras-chave:** *imagem de Bobby Fischer, xadrez, espetáculo.*

### **Abstract:**

*During the call “match of the century” in 1972, the spread of the image of the North American chess player Bobby Fischer reached his nostalgic point and gained worldwide connotation. In this article, we try to draw a parallel between the process of diffusion of this image and the provisional establishment of the chess while a spectacular practice. For so much, we look in the sociological model of the fields of Pierre Bourdieu for an instrumental compatible theoretician with the theme of introduced inquiry. Like theoretical complementary presupposition, we support ourselves still in some of the contributions mobilized by Debord for the understanding of the society of the show.*

**Keywords:** *image of Bobby Fischer, chess, show.*

### **Introdução**

*Reykjavik- capital da Islândia - 11 de julho a 1º de setembro de 1972.* Nesse período de quase dois meses fora realizado uma das mais emocionantes e notórias finais de Campeonato Mundial de Xadrez. Em pleno palco conjuntural marcado pelo tenso clima político-ideológico da Guerra Fria, se puseram diante do tabuleiro dois enxadristas que contracenaram, num universo menor, o embate construído entre soviéticos e norte-americanos. De um lado e representando a URSS, se situava então Boris Vasilievich Spassky – detentor do último título mundial disputado em 1969. De outro e defendendo a bandeira dos EUA, Robert James Fischer – desafiante do *match*.

Após derrotar, respectivamente, no torneio de candidatos, o soviético e pianista Mark Taimanov por 6-0, o dinamarquês Bent Larsen por 6-0 e Tigran Petrosian, que por sinal também era soviético (armênio), por 6,5-2,5 Fischer ganhou o direito de disputar a

---

<sup>1</sup> Especialista em Educação Especial Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO

grande final contra Spassky.<sup>2</sup> Para manter o título mundial e acumular a segunda conquista Spassky precisava somar 12 pontos na série de 24 partidas. Por sua vez, Fischer para se consagrar campeão necessitava fazer 12,5 pontos, ou seja, ganhar doze partidas e empatar uma décima terceira.

O confronto terminou com a vitória de Fischer por 12,5-8,5 colocando fim a uma hegemonia soviética de 24 anos.<sup>3</sup> A série de 21 partidas realizadas entre os dois jogadores em 1972 pela disputa do título mundial foi divulgada e ficou conhecida como o “*match* do século”. Faz-se necessário frisar, que o referido confronto obteve uma singular repercussão tanto no meio enxadrístico quanto na sociedade mais ampla. E isso graças à atenção especial que fora dada ao *match* pela imprensa e, também, pelo caráter mimético da guerra entre URSS e EUA frente ao tabuleiro de xadrez.

Nesse artigo, centraremos nosso foco de discussão na campanha midiática do xadrez que se viabilizou através do “*match* do século” e da imagem do enxadrista Bobby Fischer. Mais precisamente, nos ateremos a entender as contribuições tecidas pelos meios de comunicação, para o estabelecimento provisório do xadrez enquanto uma prática espetacular.

Quanto à performance do enxadrista Bobby Fischer, é importante reiterar que ele de fato era um jogador extremamente forte e que por sinal ainda permanece como o único norte-americano a ter ganhado um título mundial de xadrez. Além disso, seu desenvolvimento superou as expectativas: tinha 14 anos de idade quando conquistou seu primeiro título norte-americano e já aos 16 anos conseguiu a norma de Grande Mestre Internacional (GMI) – o posto mais elevado que os enxadristas almejam.<sup>4</sup>

Tal desenvoltura nos tabuleiros, somadas aos seus inacreditáveis feitos no mundo enxadrístico, quebra de recordes, vitórias em torneios internacionais, declarações polêmicas etc., foi muito explorada pela imprensa norte-americana, o que ajudou a difundir a modalidade naquele país e, indiretamente, para demais países da América. Ao visitarmos a página do jornal *The New York Times* na internet, por exemplo, nos deparamos com uma inúmera quantidade de artigos, reportagens e imagens abordando e aludindo à atuação de Bobby Fischer nos mais variados torneios de xadrez pelo planeta.

Entretanto, foi durante o confronto contra Spassky em 1972 que a imagem de Bobby Fischer atingiu seu ponto nostálgico e ganhou conotação mundial. Em alguns países as notícias vinculadas à figura de Fischer, e que antes despertavam o interesse apenas de entusiastas e simpatizantes da modalidade, transcenderam ao contexto enxadrístico e puderam penetrar nas mais diversas casas pelos canais de televisão, rádio, jornais e revistas. Neste momento, o xadrez havia deixado de ser coisa somente de enxadrista e se tornou um assunto, ou melhor, um consumo esportivo das pessoas em geral e uma prática esportiva em potencial crescimento.

### **Contribuições teórico-metodológicas**

Roland Barthes nos apresenta a idéia de que a possibilidade de correlação entre o processo de emissão e recepção de imagens “concernem ambas a uma sociologia: trata-

<sup>2</sup> LIMA, R. “Quando éramos reis, bispos, cavalos...”, *Digestivo cultural*, 09 abr. 2002. Disponível em <<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=493>> acesso em 05 de junho de 2008.

<sup>3</sup> As três vidas de Bobby Fischer. *Época*, Rio de Janeiro, n. 505, 19 jan. 2008. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG81205-9293-505.00AS+TRES+VIDAS+DE+BOBBY+FISCHER.html>> acesso em 11 de maio de 2008.

<sup>4</sup> KASPAROV, G. *Meus grandes predecessores, Vol.: 4: Uma história moderna sobre o desenvolvimento do jogo de xadrez*. Tradução de Giovanni P. Vescovi. 1. ed. Santana de Parnaíba/SP: Editora Solis, 2006.

se de estudar grupos humanos, de lhes definir motivações, atitudes, e de tentar ligar o comportamento deles à sociedade de que fazem parte”.<sup>5</sup>

É exatamente essa Sociologia mencionada por Barthes que pretendemos explorar neste artigo. Para tanto e agregados a esse propósito, buscamos no modelo sociológico dos campos de Pierre Bourdieu um instrumental teórico compatível com a temática de pesquisa introduzida. Como pressuposto teórico complementar, sustentamo-nos ainda em algumas das contribuições mobilizadas por Guy Debord para o entendimento da sociedade do espetáculo.

De Bourdieu retomamos então, a análise do fenômeno esportivo delimitado nos textos “Programa para uma Sociologia do Esporte”<sup>6</sup> e “Como é possível ser Esportivo?”.<sup>7</sup> Em tais oportunidades, o sociólogo francês estende a sua teoria dos campos para subsidiar a análise dos consumos e das práticas esportivas. O autor defende a idéia de que o esporte oferecido aos agentes sobre a forma de práticas e consumos é destinado a encontrar certa demanda social e, não obstante, funciona como um campo.

Por sua vez, o campo esportivo, qualificado por Bourdieu como relativamente autônomo, está sob a influência e pressão de forças externas e é, sobretudo, um lugar de lutas e tensões. Neste campo cada um dos esportes funcionam como sub-campos que, conseqüentemente, são necessários ao entendimento do campo em que estão previamente inseridos. Nesse sentido, encaramos o xadrez como um sub-campo do campo esportivo e que só pode ser compreendido a fundo a partir do momento em que se reconhece a posição que ele ocupa em relação aos demais esportes e, quando finalmente, é correlacionado com o espaço das posições sociais que se manifestam nele e no próprio campo que está vinculado.

Ainda em Bourdieu nos valem da análise do campo jornalístico, o qual, segundo o sociólogo, se caracteriza pela extrema dependência que possui das forças externas do mercado ou então dos demais campos. Outro fator a ser considerado é a capacidade de o campo jornalístico gerar conseqüências nesses mesmos campos que depende, já que “(...) ele próprio cada vez mais dominado pela lógica comercial, impõe cada vez mais suas limitações aos outros universos”.<sup>8</sup>

Desse modo e ao desenvolvermos nossa argumentação foi estabelecido um vínculo de interdependência entre o campo jornalístico e o sub-campo esportivo do xadrez. Em outras palavras, a partir desse imbricamento é que procuramos pensar a constituição momentânea do xadrez enquanto um espetáculo – mais uma opção de consumo esportivo propagado via meios de comunicação e por intermédio de produtores culturais autorizados.

Sobre a inter-relação entre a imagem de Bobby Fischer emitida e a recepção delas pela população em geral (inclua-se aqui tanto enxadristas quanto leigos), destacamos que se trata de um processo dinâmico, onde os agentes são totalmente ativos e inventivos. Assim se existe um poder de fazer existir idéias, representações, grupos, certamente e de acordo com Bourdieu, ele não se encontra nos discursos, nos símbolos, nas imagens, mas em porta-vozes autorizados e legitimados a exercer tal função.<sup>9</sup>

<sup>5</sup> BARTHES, R. A Mensagem fotográfica. In: LIMA, L. C. (org.). *Teoria da Cultura de Massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 325.

<sup>6</sup> BOURDIEU, P. Programa para uma Sociologia do Esporte. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, pp. 207-220.

<sup>7</sup> BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 136-153.

<sup>8</sup> BOURDIEU, P. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 81.

<sup>9</sup> BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1998, p. 95.

Dessa forma, entrevemos que nem os agentes são vítimas das possíveis estruturas de poder investidas, por exemplo, na divulgação da imagem de Bobby Fischer; nem muito menos, a constituição do xadrez como um espetáculo momentâneo se possibilitou devido a ações estáticas exercidas pela disseminação de imagens. Nessa linha de raciocínio, e em conformidade com a posição adotada por Debord, entendemos o espetáculo não como “um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”.<sup>10</sup> Além disso, se faz necessário advertir que “uma imagem exige seu espectador. O espectador é um parceiro ativo da imagem, do ponto de vista emocional e cognitivo;”.<sup>11</sup>

Feitas as devidas considerações, avançaremos a discussão estabelecendo um paralelo entre as fontes primárias e enxadrísticas consultadas com o processo de espetacularização momentânea do xadrez. Dada à escassa de tempo reservada para um artigo examinaremos algumas possibilidades de utilização da imagem de Fischer feitas, prioritariamente, pela mídia impressa.

### **A imagem de Bobby e o xadrez-espetáculo em 1972 – Algumas considerações**

A aproximação que procuramos estabelecer neste artigo, entre a divulgação de uma imagem e a constituição provisória do xadrez enquanto um espetáculo, não é arbitrária. E isso não simplesmente pelas justaposições inferidas entre o sub-campo do xadrez e o campo jornalístico, ou então, pela associação da imagem de Fischer ao contexto histórico-social em que foi produzida e que o jogador em questão estava inserido. Melhor dizendo, as fontes primárias e as literaturas enxadrísticas é que estão a nos orientar e conduzir por tal caminho.

Quanto às fontes primárias recorridas, vale ressaltar que elas são conseqüências do trabalho de produtores culturais do campo jornalístico, os quais se beneficiaram do Campeonato Mundial de Xadrez de 1972 e de Bobby Fischer, transformando respectivamente a decisão do mundial em “*match* do século” e o referido enxadrista em uma imagem rentável, mercantil e propícia para uso político-ideológico. Já as literaturas enxadrísticas que nos ativemos, foram produzidas por agentes vinculados ao sub-campo do xadrez e, por sua vez, são indicativas e ilustrativas das transformações operadas no interior do sub-campo em questão.

Nesse caminho dialógico estabelecido com as fontes, uma primeira referência que nos corrobora para entender a dimensão e repercussão midiática do mundial de 1972 é o livro “‘Bobby’ Fischer: su vida y partidas” de autoria do enxadrista Pablo Morán.<sup>12</sup> Nessa oportunidade, o autor além de apresentar um balanço sobre a vida de Bobby e suas façanhas no mundo do xadrez, fornece ainda alguns relatos importantes sobre a participação dos meios de comunicação no “*match* do século”. Observemos o seguinte comentário:

Con una expectación sin precedentes comenzó la primera partida. Todas las entradas estaban vendidas y un tablero de 7x7 metros permitía a todos los asistentes ver las jugadas cómodamente, mientras que un circuito cerrado de televisión repartía la imagen a otras salas y los teletipos las jugadas a todos los lugares del mundo.

<sup>10</sup> DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 14.

<sup>11</sup> BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 96.

<sup>12</sup> MORÁN, P. “*Bobby*” *Fischer: su vida y partidas*. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1972.

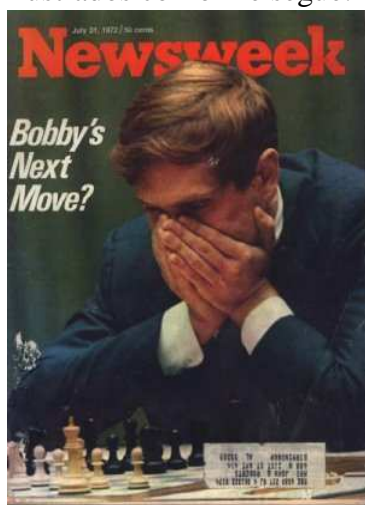
Una empresa norteamericana tenía los derechos de fotografías y televisión y por la imagen de la primera jugada se pagaron 10.000 dólares. Fischer llega al escenario de juego con siete minutos de retraso, saluda a su rival y comienza la partida.<sup>13</sup>

O ex-campeão mundial de xadrez Garry Kasparov, também avalia a cobertura midiática que fora dada à decisão entre o soviético e o americano em 1972. De acordo com o enxadrista: “(...) the international media coverage was incredible. The games were shown live around the world. I was nine years old and already a strong club player when the Fischer-Spassky match took place, and I followed the games avidly”.<sup>14</sup>

Ambas as falas evidenciam, especificamente, a ação televisiva que fora exercida sobre a decisão do mundial de xadrez de 1972. O comentário de Morán nos permite refletir sobre a estrutura digna de um espetáculo que foi montada para o evento. Também nos leva a suspeitar da introdução de relações mercantis no campo midiático e no sub-campo esportivo do xadrez. Já Kasparov, em seu discurso, enfatiza aquele que foi o momento telespetacular do xadrez com transmissões ao vivo das partidas pela TV.

Faz-se importante alertar, que a transmissão do mundial para os mais diversos lugares do planeta, não se devia ao fato do xadrez em si ser um esporte com uma alta demanda, aceitação e prestígio na sociedade, mas porque naquela ocasião ele se tornara um simulacro do confronto entre EUA e URSS. A própria denominação “*match* do século”, como já foi dito anteriormente, é resultado de uma forte campanha midiática e se deve exatamente ao fato de URSS e EUA entrarem pela primeira vez frente a frente e fisicamente numa arena de guerra – a guerra simulada pelo jogo de xadrez.

Adentrando agora especificamente no uso e apropriação da imagem de Bobby Fischer pelo jornalismo impresso norte-americano, recorreremos a três exemplos ilustrados conforme segue:



15



16



17

Como podemos ver, na edição da revista *Newsweek* publicada em 31 de julho de 1972, quando Fischer jogava o mundial com Spassky e já assumira a frente no *match*,

<sup>13</sup> Ibidem, p. 79.

<sup>14</sup> KASPAROV, G. Fischer's Price. *The Wall Street Journal*, New York, 19 jun. 2004, p. a10. Disponível em <[http://www.bobby-fischer.net/game\\_of\\_life.htm](http://www.bobby-fischer.net/game_of_life.htm)> acesso em 17 de maio de 2008.

<sup>15</sup> Site <<http://www.fpx.com.br/mostracol.asp?colid=132>> acesso em 19 de maio de 2008.

<sup>16</sup> Site <<http://latimesblogs.latimes.com/thedailymirror/2008/01/bobby-fischer.html#more>> acesso em 23 de maio de 2008.

<sup>17</sup> Site <[http://www.nytimes.com/slideshow/2008/01/18/us/0118-FISCHER\\_6.html](http://www.nytimes.com/slideshow/2008/01/18/us/0118-FISCHER_6.html)> acesso em 23 de maio de 2008.

foi acrescentada a seguinte pergunta junto à capa: “O próximo movimento de Bobby?”. Já o jornal *Los Angeles Times* abriu a primeira página da sua edição de 01 de setembro de 1972 – a sexta-feira em que Fischer havia se consagrado campeão mundial - com a conclusiva manchete “Fischer é rei”. A terceira imagem, por sua vez, trata-se de uma fotografia do jogador em 1972, a qual foi reimpressa pelo *The New York Times* para compor reportagem divulgada recentemente em 19 de janeiro de 2008, dois dias após o falecimento do enxadrista em Reykjavik, cidade onde residia desde 2005.

Sucintamente falando, tais imagens elucidam com bastante clareza o quão rentável se tornou para o jornalismo impresso recorrer aos acontecimentos esportivos. Dizendo de outro modo, jornais, revistas, programas esportivos, enfim todo o complexo de instituições e agentes que compõe o campo jornalístico – submerso numa sociedade de estruturação capitalista e conduzido pelas leis do mercado – encontra no esporte possibilidades singulares de projeção dos seus serviços. Entretanto, no caso da decisão do mundial de xadrez houve um ingrediente a mais e importante para compreendermos o excessivo enfoque dado ao evento pela mídia impressa e televisionada. Trata-se do fato das duas nações protagonistas da Guerra Fria, terem se colocado em um combate mimético através da figura de seus respectivos representantes. Porém, até mesmo na divulgação midiática da guerra, a lógica de concorrência prevaleceu contribuindo para com o jogo de tensões fomentado no campo jornalístico.

Acrescendo mais elementos a discussão, se faz pertinente reiterar a capacidade de o campo jornalístico gerar conseqüências nesses mesmos campos que depende, “(...) afetando o que aí se faz e o que aí se produz e exercendo efeitos muito semelhantes nesses universos fenomenicamente muito diferentes”.<sup>18</sup> Nesse particular, um dos efeitos mais incisivos provocados pela inserção dos meios de comunicação no sub-campo do xadrez, por ocasião do “*match* do século”, se trata do remanejamento da oferta e demanda do xadrez enquanto consumo e prática esportiva.

Para tanto, o cerne da campanha publicitária do xadrez, naquele contexto histórico-social, se deu através da veiculação da imagem de Bobby Fischer – um norte-americano provindo do estigmatizado bairro do Brooklin e que havia vencido no esporte e conseqüentemente na vida. Enfim, a ênfase dada a sua imagem corroborou para que o jogo se popularizasse e se constituísse como um espetáculo provisório. Contudo, não podemos esquecer que tal processo não fora estático e somente se tornou possível graças à cumplicidade dos agentes sociais. Isso significa que o momento espetacular do xadrez se concretizou devido à aderência da população aos produtos esportivos oferecidos sob a forma de consumos e práticas.

Acreditamos, portanto, que a propagação da imagem de Fischer funcionara como um estímulo, o qual percebido e recebido como positivo pelos agentes, fomentou um momento jamais vivenciado antes pela modalidade – uma fase em que o xadrez se tornou uma prática espetacular, com um nível de consumo e prática em potencial crescimento. Além disso, essa imagem trazida à tona pelo campo jornalístico forneceu estilos de vida vinculados juntamente ao processo de oferta do xadrez e orientados por características intrínsecas e pertinentes a prática da modalidade enxadrística. Para melhor entender esses contornos, e em consonância com Debord sustentamos que:

Onde o mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência para *fazer ver* por diferentes mediações especializadas o mundo que já não é diretamente

---

<sup>18</sup> BOURDIEU, 1997, p. 21.

apreensível, encontra normalmente na visão o sentido humano privilegiado que noutras épocas foi o tato; (...).<sup>19</sup>

Debord nos chama atenção para o fato do espetáculo ser constituído na sociedade por intermédio de uma interação social entre pessoas a partir da percepção e incorporação que essas fazem das imagens via consumo visual. Recorrendo novamente as três imagens ilustradas a pouco e estendendo esses elementos de análise para o nosso objeto, podemos dizer que o impacto das referidas imagens e outras, sobre a constituição do xadrez enquanto uma prática esportiva espetacularizada, obteve êxito porque os agentes dotados de mobilidade, e em interdependência a outros, alteraram através do consumo e da prática do xadrez as relações até então caracterizadas naquele sub-campo esportivo.

Por fim, queremos destacar que esse processo de divulgação de imagens pertinentes ao “*match* do século” e a performance do enxadrista Bobby Fischer pode ser entendido como segundo momento de um mesmo espetáculo. Quanto a isso Bourdieu enfatiza:

(...) no jogo esportivo, o campeão, corredor de cem metros ou atleta do declato, é apenas o sujeito aparente de um espetáculo produzido de certa maneira duas vezes: uma primeira vez por todo um conjunto de agentes, atletas, treinadores, médicos, organizadores, juízes, cronometristas, encenadores de todo cerimonial, que concorrem para o bom transcurso da competição esportiva no estádio; uma segunda vez por todos aqueles que produzem a reprodução em imagens e em discursos desse espetáculo, no mais das vezes sob a pressão da concorrência e de todo o sistema das pressões exercidas sobre eles pela rede de relações objetivas na qual estão inseridos.<sup>20</sup>

Essas considerações proferidas por Bourdieu, nos permitem olhar e entender a projeção de Bobby Fischer como fazendo parte de um processo de espetacularização reportado e induzido pelos meios de comunicação. Quanto ao momento espetacular do xadrez protagonizado em 1972, percebemos que a divulgação da imagem do enxadrista desempenhara um papel imprescindível fornecendo a modalidade condições e características de um produto a ser vendido e potencialmente consumido. Por outro lado, o aumento da demanda do xadrez evidenciada naquele período, alterou a conjuntura e as relações do sub-campo em cheque, conduzindo a sensação de que o xadrez de fato havia se tornado um espetáculo-esportivo, pressuposição essa, corroborada pela percepção dos produtores culturais que recorremos e que ao longo de suas vidas se beneficiaram da prática enxadrística.

### Referências

As três vidas de Bobby Fischer. **Época**, Rio de Janeiro, n. 505, 19 jan. 2008. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG81205-9293-505,00-AS+TRES+VIDAS+DE+BOBBY+FISCHER.html>> acesso em 11 de maio de 2008.

BARTHES, R. A Mensagem fotográfica. In: LIMA, L. C. (org.). **Teoria da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005, pp. 325-338.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1997

<sup>19</sup> DEBORD, 1997, p. 18.

<sup>20</sup> BOURDIEU, 1997, p. 127.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 136-153.

BOURDIEU, P. Programa para uma Sociologia do Esporte. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990, pp. 207-220.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1998.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

KASPAROV, G. Fischer's Price. **The Wall Street Journal**, New York, 19 jun. 2004, p. a10. Disponível em <[http://www.bobby-fischer.net/game\\_of\\_life.htm](http://www.bobby-fischer.net/game_of_life.htm)> acesso em 17 de maio de 2008.

KASPAROV, G. **Meus grandes predecessores 4: Uma história moderna sobre o desenvolvimento do jogo de xadrez**. Tradução de Giovanni P. Vescovi. 1. ed. Santana de Parnaíba/SP: Editora Solis, 2006.

LIMA, R. “Quando éramos reis, bispos, cavalos...” **Digestivo cultural**, 09 abr. 2002. Disponível em <<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=493>> acesso em 05 de junho de 2008.

MORÁN, P. **“Bobby” Fischer: su vida y partidas**. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1972.

Site <<http://www.fpx.com.br/mostracol.asp?colid=132>> acesso em 19 de maio de 2008.

Site <<http://latimesblogs.latimes.com/thedailymirror/2008/01/bobby-fischer.html#more>> acesso em 23 de maio de 2008.

Site <[http://www.nytimes.com/slideshow/2008/01/18/us/0118-FISCHER\\_6.html](http://www.nytimes.com/slideshow/2008/01/18/us/0118-FISCHER_6.html)> acesso em 23 de maio de 2008.